

PRÁTICA PEDAGÓGICA EM TEATRO NA PRISÃO: RELATO DE UM GIRO EPISTEMOLÓGICO

*PEDAGOGICAL PRACTICE IN THEATER IN PRISON:
REPORT OF AN EPISTEMOLOGICAL TUR-
NOVER*

*Emerson de Paula Silva.
Laura Schmitz*

Recebido: 17/06/2022
Aprovado: 02/08/2022
Publicado:

DOI: 10.5965/10.5965/235809252612022e2359

RESUMO

Este texto é uma mescla de relato de vivências e reflexões acadêmicas sobre o processo de implantação do Teatro na Escola Estadual São José em Macapá (AP) localizada dentro do Instituto de Administração Penitenciária (IAPEN) a partir de uma ação de pesquisa extensionista do Curso de Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Entre invisibilidades e aproximações, apresentamos um processo de reavaliação da prática pedagógica em Teatro promovendo um giro epistemológico nas metodologias do Teatro-Educação a partir das vozes de todos/as interlocutores/as participantes do projeto num diálogo pessoal/conceitual sobre os processos formativos presentes em ações de Teatro em Comunidades.

Palavras-chave: Teatro; Prisão; Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

This text is a mixture of experience reports and academic reflections on the process of implantation of the Theater in the State School São José in Macapá (AP) located inside the Institute of Penitentiary Administration (IAPEN) from an extension research action of the Course of Theater of the Federal University of Amapá (UNIFAP). Between invisibilities and approximations, we present a process of reassessment of the pedagogical practice in Theater, promoting an epistemological turn in the methodologies of Theater-Education from the voices of all interlocutors participating in the project in a personal/conceptual dialogue about the formative processes present in Theater actions in Communities.

Keywords: Theater; Prison; Teaching-Learning.

Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

Tenho refletido o que vem a ser discutir a contemporaneidade junto a formação em Teatro. Neste momento, penso que a contemporaneidade nos estudos teatrais pode também ser entendida como as discussões de temáticas emergentes que se apresentam a este campo.

Neste sentido, procuro neste relato, refletir sobre o ensino de Teatro com/para pessoas em situação de cárcere promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) a partir de uma pesquisa extensionista que possui reverberações na prática pedagógica proposta aos/as licenciandos/as da graduação em questão.

Ainda sobre o Curso temos que:

É no intuito principal de oferecer à comunidade amapaense um Curso de Teatro para suprir a necessidade real de profissionais para a rede escolar do Estado e do Município como também do Ensino Privado que surge o Curso de Licenciatura em Teatro na UNIFAP. Contudo, sua criação não remota apenas a uma necessidade de profissionais da educação com formação específica na linguagem teatral para atuar nas escolas da cidade de Macapá e/ou do Estado do Amapá, mas também se dá a partir da demanda de uma classe de artistas da cena local, que por anos almejavam a oferta de uma formação em nível acadêmico.

(...)

O curso de Teatro da UNIFAP acaba se tornando um local importante para estudantes de vários municípios do estado e da região, que buscam maiores aprofundamentos em relação ao Teatro em nível de Ensino Superior. Esse primeiro Projeto Pedagógico de Curso, apesar de apresentar uma matriz curricular composta buscando suprir a necessidade formativa de um estudante de Teatro em nível de graduação, articulando inúmeras habilidades e competências

Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

do fazer teatral, também demonstra preocupação com o diálogo com o contexto sociocultural do estado do Amapá... (PAULA & FONSECA, 2021, p. 142-143).

Em diálogo com os eixos que norteiam esta graduação, propusemos uma ação extensionista dialogada com o Projeto Político-Pedagógico do Curso a partir da disciplina Estágio Supervisionado V que propõe o contato de discentes em espaços não escolares, ampliando o olhar para a relação sobre Teatro e Comunidade. O projeto intitulado *Teatro e Inclusão: Ressocialização através da Arte*¹ realizou oficinas de Teatro com a participação de pessoas em situação de cárcere, custodiadas no sistema penitenciário amapaense, tanto masculino como feminino. Esta ação não é só um movimento de ampliação do direito à Cultura à comunidade externa a Universidade, mas também uma ação de pesquisa vinculada ao Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos em Espaços Culturais, Inclusivos e Deliberativos – NECID (CNPq) – que tem como objetivo estudar a presença do Teatro em espaços diversos. Neste sentido, uma de suas linhas de investigação é pensar sobre as políticas públicas para a educação penitenciária.

Este projeto nos apresenta vários caminhos de análise, mas vou me concentrar em um ponto específico: o processo artístico-pedagógico e seu reflexo nas pessoas envolvidas - promotores e participantes.

Essa pesquisa extensionista aconteceu junto a Escola Estadual São José localizada tanto dentro da Unidade Prisional feminina como masculina. Propor ações junto ao espaço escolar presente num ambiente prisional nos fez refletir, em publicação já lançada sobre a experiência, que:

Numa proposta de inversão do controle instituído na escola, como um mote para a transgressão deste processo civilizador, propusemos, artisticamente falando, uma

1. Para mais informações do Projeto, acesse: @teatroeprisaounifap

Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

iniciação estética através do Teatro junto a Escola instalada na Penitenciária de Macapá, no sentido de possibilitar mecanismos de redescoberta do prazer e de constituir no espaço escolar, um ambiente de troca, de experiência e de formação pelo sensível.

A presença da instituição escolar dentro da prisão contribui de certa forma para uma quebra em alguns pressupostos sobre estas instituições (...). Nesse contexto, levar o Teatro à Educação Penitenciária é potencializar momentos de apreciação estética e criação artística individual e coletiva no campo da Arte/Teatro como recurso de encontro para potencializar a autonomia e a sensibilidade no contexto escolar prisional. (SILVA & FERREIRA & MARQUES, 2020, p. 114).

Assim, a escola amplia sua ação, se tornando um espaço de criação artística e não de reprodução artística expandindo seu próprio processo formativo a partir da presença do Teatro neste espaço. A ação leva apenas e apenas a entenderem que Cultura é um direito e que o Teatro é uma área de conhecimento uma vez que as ações aconteciam junto a disciplina Artes presente no currículo escolar das/dos participantes e:

As metodologias utilizadas nas aulas propõem autodescoberta, autopercepção e exploração cognitiva, corporal e psicomotora, através do sistema de jogos teatrais de Viola Spolin. A escolha pela metodologia dos jogos teatrais spolinianos tem como premissa perceber a utilização de outras metodologias de jogos teatrais diferentes dos propostos pelo teatro do oprimido, uma vez que grande parte dos projetos de teatro junto a penitenciárias utiliza desta proposta. Não há intenção de ignorar o contexto social e espacial das/dos participantes do processo, algo latente na metodologia proposta por Augusto Boal, mas o objetivo principal visa trabalhar a iniciação teatral e o direito de acesso à cultura a toda e qualquer pessoa (SILVA, 2020, p. 180).

Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

O Teatro com este público e na instituição que o mesmo se encontra, promove uma ressignificação do espaço fazendo com que o mesmo possa estabelecer outras metodologias de trabalho para com o público que abriga oportunizando reflexões individuais sobre quais novos processos cada participante pretende estabelecer para com seu vínculo com a sociedade que aguarda seu retorno e conseqüentemente, novas oportunidades de convivência.

As direções do processo formativo em Teatro na Prisão

Podemos entender que revisitar metodologias do Teatro-Educação é um dos percursos formativos desta prática pedagógica. Corroborando com este processo, mas entendendo outras direções presentes neste caminhar epistemológico, apresento uma consideração de uma das bolsistas participantes do projeto em pauta, publicada em artigo que reflete a extensão e a pesquisa em Teatro nos espaços de privação de liberdade como uma experiência formativa:

O ato de se repensar enquanto sujeito na sociedade aconteceu de forma cíclica reverberando na formação das/os bolsistas do projeto enquanto docentes e na análise dos processos vivenciados até o momento enquanto discentes, percebendo como o diálogo da Universidade para além de seu espaço físico oportuniza uma formação ampliada nas/os profissionais que a constitui.

(...)

Esta experiência relatada se constitui como um caminho formativo potente na formação junto a prática pedagógica inclusiva em Teatro reforçando a necessidade do estudo das relações entre Artes da Cena e

Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

espaços de privação de liberdade demonstrando ainda como a pesquisa e a extensão promovem uma formação ampliada em discentes em contato com estes projetos, agregando conhecimentos a toda uma estrutura presente na matriz curricular dos cursos de graduação. Estes processos ampliados de formação são exemplos de como podemos exercer, seja como discentes e/ou docentes, a cidadania (SANTOS & SILVA, 2020, p. 13 – 14).

Nesta fala, percebemos que colocar em prática o conhecimento adquirido na academia é entender de forma mais aprofundada, o ambiente escolar e sua presença em ambientes não formais de ensino nos colocando em ação de aprendizagem durante todo processo. Durante as aulas, era visualmente nítido o quanto afetávamos aqueles/as alunos/as dentro daquele ambiente nos fazendo pensar como iríamos construir os novos planos de aula uma vez que nós também somos/fomos afetados.

Trabalhar com a questão carcerária é bem delicada e requer muitos cuidados dentro e fora das aulas. Durante o caminho, é comum encontrar alguns empecilhos no sistema penitenciário como a entrada de objetos ou até mesmo espaço para a aula de Teatro nos movimentando a aprender a lidar com os obstáculos obtidos no percurso e como conseguiríamos driblar algumas questões como o tipo de material que pode ser utilizado/levado ao espaço, trabalhando apenas com o básico mas não menos necessário.

Promovendo um giro epistemológico nos percursos formativos da ação em questão, selecionamos abaixo quatro protocolos (registros de aula) feitos por participantes da oficina para visualizarmos outras reverberações do ensino de Teatro com pessoas em situação de cárcere:

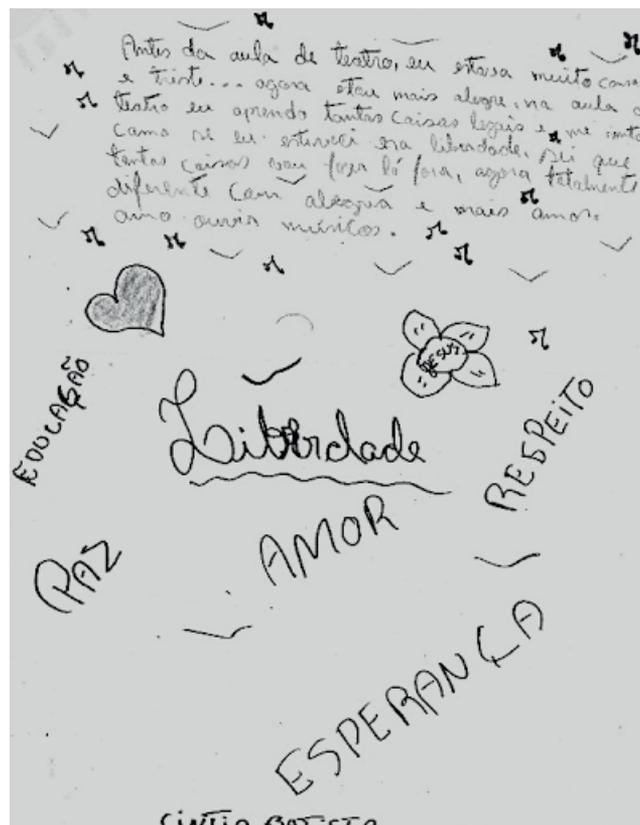
Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

Protocolo 1

Eu aprendi o
novo, sem
cobrança nem
interna e nem
externa.

Fonte: Arquivo do Projeto

Protocolo 2



Fonte: Arquivo do Projeto

Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

Protocolo 3

Eu aprendi o
novo, sem
cobrança nem
interma e nem

Fonte: Arquivo do Projet

Protocolo 4

BACANA
OIS PROFESSORES SÃO
LEGAL
AULA DE TEATRO
POR QUE
EU ME DISTRAIO
E UMA
HEDONISTA

Fonte: Arquivo do Projeto

Segundo Japiassu (2001) o protocolo é um registro da sessão de trabalho feito pelo aluno. Pode ser escrito e conter desenhos, ilustrações, colagens, etc. O protocolo são as coisas que o aluno quer dizer sobre o que vivenciou nas aulas de Teatro.

O uso deste procedimento avaliativo buscava não só registrar elementos para subsidiar o alcance dos objetivos da prática pedagógica em Teatro estabelecida mas também funcionar como um estímulo a memória dos fatos/acontecimentos/conteúdos trabalhados com as/os participantes de modo que esta prática sistemática não visava uma avaliação quantitativa mas qualitativa de todo o processo em andamento oportunizando o registro das falas que a cada encontro se tornavam mais elaboradas no que tange o entendimento do fazer teatral e a transposição do processo de aprendizagem para a vida diária, assim como proposto por Spolin (2010) em sua metodologia de aplicação dos jogos teatrais, que foi base de nossa prática pedagógica. Esta arte-educadora parte do princípio de que todas as pessoas são capazes de atuar no palco, de jogar, de improvisar e de aprender por meio da experiência. O trabalho com jogos teatrais spolinianos, foi realizado como eles se constituem, não carecendo de adaptações em sua constituição nos mostrando que:

Em meio a tantas regras institucionais, os jogos teatrais, que também trabalham com orientações a serem seguidas, possibilitaram o desenvolvimento da sensação e da experiência de liberdade, mesmo dentro de regras estipuladas, uma vez que havia o entendimento destas e como estas devem se dar de forma individual e no coletivo uma vez também que estes são princípios do sistema de jogos teatrais propostos por Spolin (2010) (SILVA & DUARTE, 2020, p. 12).

Registrar as falas das pessoas envolvidas é parte importante no processo de uma prática pedagógica em Teatro na prisão pois a ação estabelece um educação em Artes baseada

Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

num processo circular em que a troca se dá entre todos os pares envolvidos e na reverberação que esta mesma ação propõe aos espaços participantes da proposta uma vez que o local em que o projeto é realizado abre um olhar para a presença do Teatro na vida dos/das participantes e que o local de origem da equipe proponente e executora do projeto é afetado no que tange a revisão e constituição dos saberes a serem propostos a pessoas em processos de formação profissional estabelecendo uma gira de saberes que, de forma circular, nos mostra que, nos processos de ensino-aprendizagem, se faz necessário refletir que:

O que transmite fundamentalmente um professor, a meu ver, não é tanto o repertório que ele domina, mas a perspectiva desde a qual ele próprio produz seu trabalho com o pensamento: a afirmação desta perspectiva no trabalho do professor funciona como uma espécie de suporte que autoriza o aluno a afirmá-la em seu próprio trabalho. Em outras palavras, o que o professor transmite é o modo como se faz sua prática enquanto pensador. Não que a transmissão de um repertório não seja importante, mas é que considero que o que mais conta de fato é o tipo de relação que o professor estabelece com o repertório de sua escolha, o estatuto que lhe atribui no bojo de seu trabalho, e isto independentemente de qual seja este repertório (ROLNIK, 1993, p. 248).

Trabalhar numa perspectiva para além da transmissão de repertório é fazer com que discentes em formação em Artes Cênicas entendam os pressupostos da Pedagogia do Teatro mas sejam capazes de dialogar com os mesmos a partir dos variados pontos de vista do público com o qual está lidando, principalmente quando trabalhamos com pessoas pertencentes a processos históricos de marginalização. Colocar a formação em Teatro em debate com diferentes espaços formativos é a oportunidade de investigar com as nossas vivências e experiências, a “interação entre artistas profissionais e comunidades com foco em histórias

locais ou experiência dos participantes” (NOSÉ, 2021, p. 46).

Girando no próprio eixo: prática unida com teoria

O ensino de Teatro na prisão como prática pedagógica nos cursos de Licenciatura em Teatro é a oportunidade de poder levar o conhecimento para fora dos muros da Universidade atingindo um público que passa a ter oportunidade de conscientização dos seus direitos culturais.

Pedagogicamente, práticas como estas, mudam graduandos/as não só academicamente como pessoalmente. Essa prática é uma constante desconstrução de certezas a partir de vivências e experiências que jamais serão esquecidas, seja por quem promove ou por quem as vivencia. O Teatro na prisão promove a possibilidade de levar o conhecimento artístico para um ciclo de pessoas que reverberam contextos diversos de exclusão. Entretanto, estas pessoas não podem ser condicionadas ao não acesso a oportunidades que contribuam para que novos horizontes formativos se façam presentes em seu viver.

Pensar nos processos artístico-pedagógicos na contemporaneidade é promover a aplicação de fundamentos teóricos da área em contextos diversos para confrontar teorias e expandi-las. O relato aqui apresentado tem como função apresentar contribuições para o campo das Artes e da Educação a partir de uma ação de imersão num processo de Teatro e Comunidade realizado em ambientes outros que podem se reconfigurar no que tange seu objetivo de existência, ofertando outras epistemologias para que um processo de reencontro pessoal aconteça tendo o Teatro como elemento de mediação.

Não criamos, neste processo, novas teorias do Teatro-Educação, mas estabelecemos novos olhares para a teoria spoliada dos jogos teatrais por exemplo, reconstruindo seus elementos e procedimentos, para que dialogássemos a teoria base do trabalho com outra visão de mundo objetivando, em discentes

Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

e docentes, construções epistemológicas numa gira entre saberes artísticos e autodescobertas do potencial pessoal, individual e coletivo.

No curso de Licenciatura em Teatro da UNIFAP procuramos a indissociabilidade entre prática artística e prática pedagógica dialogando com a sociedade que nos rodeia. Entender as demandas da sociedade é dialogar com o outro e ser membro efetivo de impacto nesta sociedade, questão essa necessária à formação nas Licenciaturas. Ainda na UNIFAP, registramos que o Programa de Pós-Graduação gestado pelo Curso de Teatro criou a Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos que oferta uma disciplina obrigatória sobre Teatro e Educação Penitenciária, reafirmando a necessidade de estabelecer uma formação ampliada sobre as potencialidades do ensino do Teatro.

Mas na formação em Teatro, se faz urgente pensar na existência de movimentos de Teatro no espaço prisional, como pontos de entendimento da história do Teatro no Brasil, a se pensar por exemplo na realização do Teatro do Sentenciado² promovido por Abdias Nascimento, criador do Teatro Experimental do Negro, de quando sua passagem pelo Carandiru.

Os Cursos de Teatro, seja na modalidade Licenciatura ou Bacharelado, se concentram na prática artística, mas precisam entender que o processo cênico é também uma prática pedagógica e que a diversidade é questão essencial para a formação de um fazer teatral descolonizado.

2. Para mais informações acesse a Tese: O Teatro do Sentenciado de Abdias Nascimento: classe e raça na modernização do teatro brasileiro de Viviane Becker Narvaes (2020) disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-19022021-183344/pt-br.php>

REFERÊNCIAS

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metodologia do Ensino do Teatro**. Campinas – SP: Papyrus, 2001. (Coleção Ágere).

NOSÉ, José Flávio Cardoso. **O Teatro Amador a partir de dois P(s): Putas e Presos**. Tese (Doutorado em Artes da Cena) – Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

PAULA, Emerson de; FONSECA, José Flávio Gonçalves da. Formação em Teatro no Amapá e a Acessibilidade Cultural: encontros e revisões. In: PAULA, Emerson de, FONSECA, José Flávio Gonçalves da Fonseca (Org.). **Acessibilidade Cultural no Amapá**. São Paulo: e-Manuscrito, 2021.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

SANTOS, Andressa da Silva; SILVA, Emerson de Paula. Teatro na Prisão: A Extensão e a Pesquisa como caminhos formativos em Pedagogia do Teatro. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

SILVA, Emerson de Paula; DUARTE, Álvaro R. M. Liberdade e Criatividade a partir do Teatro na Prisão: Relato de experiência de uma prática teatral com mulheres em situação de cárcere na zona da mata mineira. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020

SILVA, Emerson de Paula; FERREIRA, Frederico de Carvalho; MARQUES, Mayara Caroline da Costa. Trajetória da Pele: Teatro e Educação Penitenciária em Macapá. In: VASQUEZ, E.L; ABREU,

Emerson de Paula Silva. Laura Schmitz

A.A; FEIO, L.S.R. (Org.). **Educação Penitenciária Amapaense:** Pesquisa, demanda recorrente e formulação de política educacional. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. (Coleção Educar na Prisão e Escola, Vol 1).

SILVA, Emerson de Paula. Jogos Teatrais e Educação Penitenciária em Macapá. In: **Revista Moringa Artes do Espetáculo**, Dossiê A diáspora dos jogos teatrais no Brasil. João Pessoa, v. 11, n. 2, jul-dez/2020, p. 179 – 185.